



# A MITOLOGIA GRECO-ROMANA NA NOMENCLATURA DAS CONSTELAÇÕES COMO PROPOSTA DE ENSINO DE ASTRONOMIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

## GRECO-ROMAN MYTHOLOGY IN THE NOMENCLATURE OF THE CONSTELLATIONS AS A PROPOSAL FOR TEACHING ASTRONOMY IN BASIC EDUCATION

Thiago José Bezerra De Lima<sup>1</sup>, Jorge Luiz Batista Cavalcanti<sup>2</sup>,  
Telma Cristina Dias Fernandes<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal Rural de Pernambuco, thiagojoseh@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal Rural de Pernambuco, jorgelbc@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal Rural de Pernambuco, telcfernandes@gmail.com

**Resumo:** *As constelações instigam curiosidade, principalmente, quando são observadas na ótica do conjunto de lendas e mitos advinda de suas nomenclaturas, razão pela qual se torna viável o Ensino de Astronomia direcionado para o contexto escolar. Nesse sentido, esta pesquisa de uma metodologia de abordagem bibliográfica buscou entender como a linguagem abstrata dos mitos gregos e romanos para a origem das constelações incorpora elementos voltados para a Astronomia na estrutura conceitual dos educandos, em uma relação entre o imaginário e o real. A mitologia aborda histórias bonitas, a partir das quais, o imaginário de qualquer pessoa permite adaptações, gerando heróis em lutas perigosas, heroínas que desbravam culturas, ambiciosos que fracassam, todos são temas de relevância para produção de filmes, livros e outros. Dessa forma, as práticas de ensino envolvendo as teorias da mitologia correlacionam-se em várias disciplinas podendo desenvolver o estudo de mitos, seja dos povos indígenas em território nacional, seja da civilização romana ou grega resgatando valores, tradições, crenças e representações de diferentes culturas e identificando sinais de sua permanência na contemporaneidade.*

**Palavras-chave:** Ensino de Astronomia; Mitologia; Constelações; Histórias em Quadrinhos.

**Abstract:** *The constellations instigate curiosity, especially when they are observed from the perspective of the set of legends and myths arising from their nomenclatures, which is why the Teaching of Astronomy directed to the school context becomes viable. In this sense, this research of a methodology of bibliographic approach sought to understand how the abstract language of the Greek and Roman myths for the origin of the constellations incorporates elements focused on Astronomy in the conceptual structure of the students, in a relationship between the imaginary and the real. Mythology addresses beautiful stories, from which anyone's imagination allows adaptations, generating heroes in dangerous struggles, heroines who break through cultures, ambitious people who fail, all are topics of relevance to produce films, books and others. In this way, teaching practices involving theories of mythology are correlated in various disciplines and can develop the study of myths, whether of indigenous peoples in national territory, or of Roman or Greek civilization rescuing values, traditions, beliefs and representations of different cultures. and identifying signs of its permanence in contemporaneity.*

**Keywords:** Teaching of Astronomy. Mythology. Constellations. Comic Books.



## INTRODUÇÃO

O céu é fascinante e não é de hoje!

Ao olhar para a infinitude do universo, recaem sobre nós as mesmas inquietações que os povos de antigamente apresentavam.

“O estudo do Universo fascina o homem desde a antiguidade e, no século XX, o desenvolvimento da tecnologia e da Astronomia permitiu avanços significativos no desvendar de seus segredos” (MUNHOZ; STEIN-BARANA; LEME, 2012, p.131).

De acordo com estes autores, cada vez mais, torna-se viável o estudo das noções de Astronomia, principalmente quando direcionado para o contexto escolar, uma vez que:

[...] A situação vigente da educação em Astronomia no Brasil mostra que é necessário despertar, nos professores e nos escolares, a vontade de simplesmente olhar para o céu, resgatar o prazer de identificar constelações estelares e aproximá-los da mais antiga das ciências: a Astronomia (MUNHOZ; STEIN-BARANA; LEME, 2012, p.132).

Nesse sentido, é perceptível, no convívio com crianças e jovens adultos, de variados níveis escolares, o domínio incipiente de conhecimentos voltados para o reconhecimento, por exemplo, das principais constelações observáveis no céu noturno, tão pouco dos estudos mitológicos que as envolvem.

Com base nesta perspectiva educativa e didática, por outro lado, é importante ressaltar a recente mudança da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação brasileira, em função da Lei nº 13.415/2017, que de acordo com a atual Base Nacional Curricular Comum (BNCC) – documento referência acerca da orientação, revisão e elaboração dos currículos dos sistemas educacionais dos distintos níveis de governo, estados e municípios -, as escolas estabelecem “os objetivos que se espera que os estudantes consigam atingir, com ênfase na aprendizagem ativa e no fortalecimento do desenvolvimento integral dos aprendizes, a partir da elaboração de currículos contextualizados e adaptados aos seus projetos pedagógicos” (BRASIL, 2017a).

Nesse sentido, com relação à presença dos conteúdos de Astronomia para o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, da Educação Básica, na BNCC (2017b), espera-se poder ampliar as demandas de seu ensino, com a inserção de novos temas e práticas de ensino, bem como da formação de professores, “alinhando ciência, com inovação tecnológica e conhecimentos tradicionais, para o enriquecimento dos processos de ensino e de aprendizagem dos conteúdos voltados para a Astronomia”.

Então, o objetivo aqui desse estudo é entender como a linguagem abstrata dos mitos gregos e romanos para a origem das constelações incorpora elementos voltados para a Astronomia na estrutura conceitual dos educandos, em uma relação entre o imaginário e o real. Para isso, faz-se necessário uma pesquisa bibliográfica acerca dos estudos dos mitos gregos, dos mitos romanos, e posteriormente, dos estudos que abordam sobre a mitologia greco-romana.

## BREVE CONSIDERAÇÕES DA MITOLOGIA NA ORIGEM DAS CONSTELAÇÕES

Em se tratando das constelações descobertas desde a antiguidade, “as estrelas dispostas em uma dada configuração foram unidas por linhas imaginárias,



compondo figuras conforme a imaginação e a perspectiva do observador terrestre” (MUNHOZ; STEIN-BARANA; LEME, 2012, p. 133).

Sobretudo para o homem, a tarefa de mapear e localizar cada constelação no firmamento não era tarefa fácil e, por isso, foram atribuídos a cada uma delas mitos e personagens que os ajudassem a reconhecê-las com mais facilidade.

Barreda e Kimura (2018) esclarecem que “Segundo a International Astronomical Union (IAU), o céu está dividido em 88 áreas reconhecidas como constelações desde o ano de 1922” (BARREDA; KIMURA, 2018, p. 2). Em se tratando da linguagem mitológica para a origem das constelações, em especial, para o mundo ocidental, Assis Filho (2020) afirma que a “Mitologia tem a sua origem nos termos gregos *mythos*, que significa ‘narrativa’ e *logos*, que se refere à ‘razão’ e à ‘lógica’ (ASSIS FILHO, 2020, p.21).

O autor acrescenta, ainda, que a “Mitologia é um conjunto de lendas e mitos criados pelos gregos, na antiguidade, como forma de preservar a sua história, sob a forma de narrativas para disseminar fatos como a origem da vida, fenômenos da natureza e a vida após a morte” (ASSIS FILHO, 2020, p.21).

Também, nesse sentido, Santos (2015) ressalta que:

Desde o início, o homem buscou respostas as suas indagações que não raro versavam sobre a origem do universo, da natureza das coisas das quais ele se sentia como sujeito. Assim foram surgindo os mitos que tinham como finalidade fornecer as explicações para os acontecimentos da natureza e da existência humana: a guerra e a paz, a abundância e carestia, a saúde e a doença etc (SANTOS et al., 2015, p. 3).

Notadamente, os termos que envolvem os objetos celestes, mesmo que reconhecidos pelos seus nomes, não permitem identificar a origem da denominação e de todo contexto histórico por trás dessas nomenclaturas. Desse modo, “o desenho e o nome dessas figuras estão relacionados com a época, a cultura e as profissões dos povos que as observaram” (MUNHOZ; STEIN-BARANA; LEME, 2012, p. 133).

Primeiramente, segundo Fares et al. (2004), utilizando as estrelas como guia, “o homem podia se afastar de seu lar na certeza de reencontrá-lo, posteriormente, surge outra ideia, a de reunir as estrelas em grupos para facilitar o seu reconhecimento, dando origem, assim, às constelações” (FARES et al., 2004, p. 78). Contando, dessa maneira, relatos e aventuras surpreendentes e totalmente significativas para as práticas pedagógicas de distintos componentes curriculares da Educação Básica.

Desde os primórdios dos tempos, o homem olha o céu noturno e procura justificativa e argumentações para a disposição das estrelas, buscando, por meio da linguagem da mitologia, a representação dos personagens mitológicos imaginados.

Diversas culturas e seus povos, por todos os continentes, procuraram associar e dar significado àqueles milhares de pontos de luz cintilantes da abóboda celeste, as estrelas. Dessa maneira surgiram as constelações, com suas figuras imaginárias e seus mitos associados, com seus significados e seus propósitos. Os homens antigos sempre procuraram prever suas atividades diárias observando as mudanças percebidas na natureza, a partir de uma concepção de tempo cíclico, e observando as estrelas, tais mudanças se tornavam bem evidentes: para o observador, a posição do Sol com relação ao horizonte era um determinante para a



ocorrência do dia e da noite e das estações do ano, que traziam toda a experiência do momento de plantar ou não essa ou aquela cultura; a Lua era indicadora das marés, determinando os momentos e os dias de maré cheia e maré baixa e quando a pescaria era mais favorável; já outros objetos e fenômenos celestes, como eclipses, meteoros, cometas, posição dos planetas e outros astros, se tornaram como indicativos, sinais divinos, pelos homens para prever e tomar decisões em suas vidas.

Quanto aos nomes das constelações associados à mitologia greco-romana, não são encontrados registros identificando sua origem, entretanto, o trabalho desenvolvido pelo geógrafo, matemático, astrônomo e cartógrafo grego, Ptolomeu (90-168 d.C.), que publicou sua grande obra, “O Almagesto” (um tratado de Astronomia e Matemática) catalogou 48 constelações conhecidas pelo povo grego.

Finalmente, em 1922, a União Astronômica Internacional (IAU) criou e catalogou outras 40 novas constelações no mapa da esfera celeste, também determinou, oficialmente, o uso pelos seus nomes em latim e as áreas delimitadas entre cada constelação. Dessa forma, oficialmente, foram catalogadas as 88 constelações.

Em se tratando de mitologia, conforme afirma Assis Filho (2020, p.20), “faz-se necessário a discussão sobre os povos da antiguidade, como os egípcios, gregos, romanos e tantos outros, eram politeístas, ou seja, veneravam vários deuses”. Deuses esses que inspiravam e eram homenageados quando as constelações estudadas pelos pesquisadores de antigamente eram descobertos.

Na civilização ocidental, ainda segundo o autor, “a influência das culturas grega e romana reverenciam deuses, até então considerados imortais, antropomórficos e dotados de sentimentos humanos, como o amor, a bondade, o ódio, a inveja, etc” (ASSIS FILHO, 2020, p.20).

Nesse sentido, o Quadro 1, a seguir, mostra a correlação entre alguns deuses romanos e gregos.

**Quadro 1** – Correlação entre alguns deuses romanos e gregos.

ROMANO	EQUIVALENTE GREGO	ROMANO	EQUIVALENTE GREGO	ROMANO	EQUIVALENTE GREGO
Apolo ou Febo	Apolo	Flora	Clóris	Nox	Nix
Baco	Dionísio	Juno	Hera	Plutão	Hades
Ceres	Deméter	Júpiter	Zeus	Prudência	Métis
Cibebe	Réia	Marte	Ares	Saturno	Cronos
Concórdia	Harmonia	Mercúrio	Hermes	Telure	Geia
Cupido	Eros	Minerva	Atena	Vênus	Afrodite
Diana	Ártemis	Mitra	Hemera	Vesta	Héstia
Discórdia	Éris	Netuno	Poseidon	Vulcano	Hefesto

### **Mitologia Grega para a Origem das Constelações**

A origem da mitologia acontece na Grécia Antiga, advém de obras literárias iniciais, dentre as quais, a Ilíada e a Odisseia, caracterizadas como poemas épicos, com autoria atribuída ao poeta Homero, por volta do século VII a.C. Posteriormente difundida em todos os povos e culturas, sofrendo adaptações e adequações



pertinentes. A questão da religião politeísta, na Grécia antiga trouxera a grande diversidade de Deuses, com várias características identitárias dos gregos.

Também sobre mitologia grega, Silva e Castro (2015) afirmam que:

Embora a mitologia grega seja compreendida atualmente como simples alegorias e contos, em épocas remotas, tais mitos eram usados para explicar vários fenômenos, como por exemplo, a origem do mundo, de todos os seres e de todas as coisas, além de explicar a ordem dos acontecimentos do mundo e até mesmo a origem do povo grego (SILVA; CASTRO, 2015, p.84).

Segundo Santos (2015), nas narrativas míticas gregas há uma riqueza de detalhes e traços humanísticos que “conferem a elas o destaque entre os mitos em que estes se propõem a solucionar com poesia e estética as indagações humanas acerca da origem da vida e da natureza” (SANTOS et al., 2015, p. 4).

Ainda sobre a mitologia grega, não é possível estabelecer uma sequência lógica e cronológica para o surgimento dos deuses pois, como eram imortais, procriavam filhos, a qualquer tempo, tanto entre eles quanto com os humanos mortais. “Alguns tinham o dom da metamorfose, ou seja, mudavam de forma, muitas vezes para iludir e alcançar seus intentos” (ASSIS FILHO, 2020, p.22).

Mesmo não sendo possível traçar uma linha do tempo sobre a mitologia da Grécia Antiga, diversos autores colaboram para tentar destacar as principais histórias, conforme destacado a seguir:

- A origem da vida e os fenômenos da natureza na gênese grega parte de Caos, o deus do vazio que, segundo Hesíodo, é a primeira divindade do universo que, por cisão, deu à luz vários filhos: Gaia (a Terra), Tártaro (o submundo), os gêmeos Érebo (a escuridão) e Nix (a noite), e Eros. Érebo desposou a irmã Nix, gerando Éter (a luz) e Hemera (o dia). Já estão formados, portanto, alguns elementos da natureza, que não terminam por aqui (ASSIS FILHO, 2020, p.21).
- No início havia apenas o Caos, uma matéria inteiramente indiferenciada, primitiva, indefinível, sendo o princípio de todas as coisas e existente desde toda a eternidade. Não havia distinção entre nada: dia e noite, terra e céu, quente e frio. Nem mesmo tempo, espaço e nenhuma outra denominação conhecida hoje. Do Caos surge a primeira forma distinta: Gaia (SILVA; CASTRO, 2015, p.85).
- Gaia (a Terra), espontaneamente (partenogênese), deu vida a: Urano (o céu), Oreas (as montanhas) e Ponto (o mar). Da relação incestuosa com Urano, surgiram os famosos titãs, seis masculinos e seis femininas (as titânides). Nas conjunções carnis posteriores só nasceram monstros: três ciclopes e três hecatônquiros, que foram escondidos no Tártaro pelo pai, causando mais tarde a ira de Gaia (ASSIS FILHO, 2020, p.21).
- Gaia sozinha dá origem ao seu oposto, de gênero masculino, chamado Urano, que representa o céu (SILVA; CASTRO, 2015, p.85).
- As titânides são: Téia (visão), Febe (lua), Mnemósine (memória), Themis (justiça), Tétis (água fresca) e Réia (maternidade). Os titãs chamavam-se: Oceano (massas líquidas), Crios (constelações), Iapeto ou Jápeto (mortalidade) – pai de Atlas e Prometeu –, Ceos (conhecimento), Hipérion (luz) – que com Téia gerou Helios (sol)



e Selene (lua) – e Cronos (tempo), o mais novo que, com a ajuda de Gaia, retirou seu pai Urano do poder. Da relação entre os titãs Cronos e Réia surgiu Zeus, dando origem à segunda geração de titãs, da qual faz parte Prometeu, criador da humanidade (ASSIS FILHO, 2020, p.21).

### **Mitologia Romana para a Origem das Constelações**

Assis Filho (2020, p.24) ressalta, na mitologia romana, que “cada entidade representava as forças da natureza e os sentimentos humanos reunindo crenças, mitos e histórias, transmitidas de geração para geração”. E ainda, que “Juntem-se a essas divindades os semideuses, heróis, titãs, ninfas, centauros, musas e as suas respectivas histórias e lendas, e teremos o que chamamos de mitologia” (ASSIS FILHO, 2020, p.20).

Em se tratando da mitologia romana, eles adoravam outros deuses, próprios ou advindos de outras culturas, tinham também as suas musas, os sátiros ou faunos e os heróis. Quanto às figuras mitológicas, as romanas não são muito diferentes das gregas, conforme afirma Assis Filho (2020):

- Belona: da guerra; Bona Dea: da fertilidade;
- Carmenta: das fontes e da profecia;
- Conso: protetor do grão enterrado;
- Jano: da luz (possuía um rosto na frente e outro atrás);
- Liber: da vinha, muitas vezes confundido com Baco;
- Pomona: da abundância, dos frutos e das árvores;
- Quirino: da guerra, confundido com Rômulo e Marte;
- e Urano: a personificação do céu.

Também, eles cultuavam “deuses abstratos”, dentre os quais: Abundância; Equidade; Fortuna; Piedade; Esperança; e Vitória. E figuras lendárias, temos: Eneias; Reia Sílvia (mãe dos lendários Rômulo e Remo); e Numa Pompílio (sabino que sucedeu a Rômulo como rei).

### **CONSIDERAÇÕES**

Na busca por identificar os obstáculos para a aprendizagem da temática relacionada à mitologia para a origem das constelações, as pesquisas evidenciaram na evolução, ao longo da história, vasta diversidade de relatos das mitologias envolvendo os personagens.

Assim, eram os presságios dos deuses, fornecendo informações para guiar a vida das pessoas. A vida, como um todo, tinha sempre uma correlação com os Deuses. Mas, qual a importância das histórias contidas na mitologia para os jovens e crianças que vivem num mundo tecnológico cercadas de telefones celulares, internet, streaming (transmissão pela web) de filmes, desenhos animados, revistas em quadrinhos e tantos outros meios e mídias?

São histórias bonitas, a partir das quais, o imaginário de qualquer pessoa permite adaptações, gerando heróis em lutas perigosas, heroínas que desbravam culturas, ambiciosos que fracassam, todos são temas de relevância para produção de filmes, livros e outros. Podem ser encontradas até expressões, na língua portuguesa, praticadas no dia a dia, como, por exemplo, “Caixa de Pandora” (com seu único dom,



a esperança), “narcisismo” (caracterizada por uma supervalorização de si próprio), o “pânico” (gerador de medo que o deus Pã criava nas pessoas).

As práticas de ensino envolvendo as teorias da mitologia correlacionam-se, por exemplo, em disciplinas que podem desenvolver o estudo de mitos, seja dos povos indígenas em território nacional, seja da civilização grega antiga, resgatando valores, tradições, crenças e representações de diferentes culturas e identificando sinais de sua permanência na contemporaneidade.

A mitologia também perpassa a área das Artes, onde, por meio do teatro, as práticas de ensino valem-se do conhecimento intercultural e da riqueza da diversidade de seres mitológicos para a manifestação artística no desenvolvimento das diversas culturas.

Como forma de ensino, o teatro serve de inspiração para grupos de educandos representarem e dramatizarem as lendas mitológicas, levando à memorização das histórias, além de promover a socialização entre os alunos como participantes do grupo teatral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS FILHO, J. F. Deuses da Mitologia Greco-Romana Revista do Clube Naval. **Revista do Clube Naval**, Rio de Janeiro. v. 4, n. 396, p. 20-25, 2020. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/clubenaval/article/view/1862/1833>. Acesso em: 6 mai. 2022.

BARREDA, A. R. KIMURA, R. K. As constelações e seus mitos: o que sonham as crianças quando olham para o céu estrelado? In: Simpósio Nacional de Educação em Astronomia, 5, 2018, Londrina. **Anais eletrônicos**. Londrina, jul. 2018. Disponível em: [https://sab-astro.org.br/wp-content/uploads/2019/12/SNEA2018\\_TCO6.pdf](https://sab-astro.org.br/wp-content/uploads/2019/12/SNEA2018_TCO6.pdf). Acesso em: 8 mai. 2022.

BRASIL. LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (versão atualizada até março de 2017). Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017a. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 05. mai. 2022.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, Consed, Undime, 2017b. 651p. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 5 mai. 2022.

FARES, É. A. et al. O universo das sociedades numa perspectiva relativa: exercícios de etnoastronomia. **Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia**, São Carlos, n. 1, p. 77–85, 2004. DOI: 10.37156/RELEA/2004.01.077. Disponível em: <https://www.relea.ufscar.br/index.php/relea/article/view/54>. Acesso em: 18 abr. 2022.

LANGER, J. Thor, estrelas e mitos: uma interpretação etnoastronômica da narrativa de Aurvandil. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 11, n. 31, p. 221-256, 30 abr. 2018. ISSN 1983-2850. Disponível em:



<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/38486>. Acesso em: 18 abr. 2022.

MUNHOZ, D. P. STEIN-BARANA, A. C. M. LEME, C. S. Localizando pedacinhos do céu: constelações em caixas de suco. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 29, n. 1, p. 130-144, abr. 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/t-j/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/Dialnet-LocalizandoPedacinhosDoCeu-5165999.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2022.

SILVA, L. P.; CASTRO, P. F. A manifestação do inconsciente na mitologia grega e sua relação com o processo projetivo. **Revista Educação**, v.10, n.1, p. 83-98, 2015. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/viewFile/2065/1568>. Acesso em: 20 abr. 2022.